

PÓS-MODERNIDADE, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS.

GUEDES, Maria Luiza (PUC/SP)

Nossa intenção, no espaço deste texto, é contribuir com o debate e, portanto, com o amadurecimento da reflexão que vem subsidiando a elaboração de propostas para o ensino religioso, hoje obrigatório, na escola pública brasileira. Para tanto, pretendemos iniciar caracterizando o que, não sem controvérsias, se convencionou denominar condição pós-moderna, cujo clima e demandas criaram as condições para que o ensino religioso não ficasse restrito à questão de foro íntimo e, portanto, objeto de escolha na esfera privada por um lado, e por outro exigem que este ensino amplie suas funções e perspectivas na medida em que passa a integrar o currículo escolar na qualidade de disciplina de oferta obrigatória.

Procuraremos identificar as transformações engendradas pela pós-modernidade na educação e na religião como condição de possibilidade da nova perspectiva, acima apontada, e, também, como contexto, a partir do qual novos desafios epistemológicos ganham corpo e esperam formulação.

Condição pós-moderna

A face do nosso mundo tem mudado muito rapidamente nos últimos cinquenta anos. O atual estado mundial de globalização engendrou uma nova ordem e um contexto cultural que tem sido entendido como uma nova condição de exercício da humanidade: condição pós-moderna. O termo quer designar a emergência de mudanças abrangentes e significativas no tecido social sem que, no entanto, constate-se a ocorrência de ruptura com o modelo instalado. Por esta razão o período e as mudanças, aos quais o termo refere-se, tem sido objeto de controvérsia entre os diferentes teóricos que acabam formulando diferentes expressões para nomeá-los. A necessidade de novos termos como, pós-industrial, pós-secular, pós-comunista; hiper-moderna, para identificar este momento histórico do capitalismo, indica a existência de mudanças reais que chegam a alterar a sua face, ou no mínimo, indicam a ocorrência “de numerosas discontinuidades dentro do modelo de desenvolvimento unilinear e progressivo, que estava na base da sociedade industrial”.¹

¹ Martelli, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização; trd. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. Comentário feito à página 10

“ A pós modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham a emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas sem tragédia e sem apocalipse” (CHARLES, 2004 p.23)

Ao lado do anúncio, pelos teóricos, de que o homem já não tem bússola, pode-se constatar uma mundialização generalizada, ou seja, constata-se a natureza universal do processo de globalização da sociedade contemporânea, simultaneamente, promovido e promotor de uma ampla evolução tecnológica e uma impensável velocidade, tanto na produção de novos conhecimentos, como no aumento da capacidade de armazenar e intercambiar informações.

Se, por um lado, presenciamos uma crescente velocidade e facilidade nos acessos virtuais e reais a todos os tipos de bens, presenciamos, também, uma brutal exclusão de amplas parcelas das sociedades e populações que não puderam, ou, foram impedidas pela própria natureza do processo de globalização, de usufruir das vantagens deste estágio de desenvolvimento da humanidade.

As características do nosso tempo geraram mudanças e contradições, hoje, já visíveis nos comportamentos, nos valores, nos contornos jurídicos institucionais e no conjunto de exigências que constituem as atividades humanas, seja na esfera da prática produtiva, seja na esfera da prática social, seja na esfera da prática simbólica.²

Poderíamos apontar alguns vetores, comumente utilizados pelos teóricos da pós-modernidade, para indicar as mudanças a que nos referimos: a supremacia do indivíduo e de seu gozo; a tentação da inocência; a perda do sentido e a complexidade do presente; onipotência da lógica consumista; relativismo ético e a constituição da mídia como **quarto poder**. Poder muito bem caracterizado no trecho que citamos a seguir:

“ O sujeito, a grande descoberta da modernidade, agora agoniza, manipulado pela simulação (que é fingir ter o que não se tem) pelo simulacro (imagem falsa e enganadora, que impede o acesso à realidade e extermina o sentido das coisas). Mergulhado no universo onipresente do vídeo, das informações, do eletrônico, o humano vai assumindo a forma de puro código, um sujeito sem corpo, sem substância, (como Neo, personagem central do filme Matrix) {...}.” (QUEIROZ, 2006, p.4)

² Categorização utilizada por Antonio Joaquim Severino em livro de sua autoria, editado pela Olho d'água em 2001 com o título Educação Sujeito e História

A informação desempenha um papel crescente na vida econômica, social, cultural e política de qualquer país, seja qual for o seu tamanho e filosofia política. Uma das características da sociedade da informação é a ênfase na comunicação, portanto na linguagem, e na educação.

Para produzir conhecimento e projetar interferências, mesmo em regiões aparentemente pouco afetadas pela globalização, é preciso tomar como referência, além da cultura local, o panorama geral das relações internacionais, o acelerado desenvolvimento tecnológico, a comunicação em rede, entre outras coisas.

Enfim, todos esses fatores combinados desenham uma crise social que se combina com a questão das identidades culturais, nacionais, étnicas e religiosas produzindo violências fragmentadas e das mais variadas, ao mesmo tempo em que oferecem conforto, prazer e beleza sem limites, como benesse do desenvolvimento científico. Tudo é oferecido indistintamente para todos, pelos meios de comunicação de massa. Um grande espetáculo mundializado, oferecido aos olhos e ao desejo, o que não quer dizer que seja acessível ao consumo.

A religião e a educação

A religião e a educação expressões, sensíveis que são, do tecido cultural apresentam sintomas do impacto destas transformações e das contradições decorrentes das dificuldades dos Estados de assegurar a racionalidade e universalidade do progresso contínuo e suas promessas. Um claro exemplo é o fato de quanto mais avança a capacidade da tecnologia de melhorar as condições de vida mais aumenta a ameaça a própria existência da vida.

E ainda, quanto mais se amplia o processo de secularização e globalização, contraditoriamente, mais avança a dessacralização do projeto moderno de progresso ilimitado que prescinde de valores.

Ao contrário do que se diagnosticava sobre o fim da religião, assistimos a um reavivamento do fervor religioso acompanhado por uma diversificação das práticas³, assim como, um reconhecimento, pelas ciências humanas, de sua relevância como fator de mutação social, especialmente pela sua capacidade, sempre renovada, de

³ Estamos nos referindo a fenômeno que se deu nos estados unidos a partir da década de 70 e recentemente na Europa e América Latina de multiplicação e difusão de cultos, seitas e novos movimentos religiosos, além do surgimento de movimentos eclesiais e um grande e surpreendente interesse pela magia e esoterismos de todas as ordens.

agregação e identificação. A religião passa a ser entendida como fenômeno complexo flutuando entre a secularização e a dessecularização, no dizer de Stefano Martelli⁴.

Formula-se, segundo o mesmo autor, “uma concepção de religião como recurso natural e forma complexa, que escapa à identificação com qualquer instituição religiosa ou partes do sistema social.”. Trata-se de reconhecer a relativa independência da religião em relação as determinações sócio- econômicas , um espaço de excedente de sentido e por isso mesmo, capaz de ter uma pluralidade de funções.

Tal compreensão é fundamental para a questão que nos ocupa, os desafios epistemológicos que se apresentam á nossa reflexão e práticas educacionais, especialmente, aquelas que visam a estruturação da disciplina ensino religioso, bem como, a formação de profissionais, professores especialistas neste ensino, neste momento cultural, que estamos denominando condição pós- moderna.

Assim, trazemos uma contribuição de Beckford, citada por Stefano Martelli, para que possamos melhor caracterizar a compreensão sobre a religião que apontamos acima.

“....: a religião deve ser considerada como um recurso cultural, cujos símbolos estão em grau de interpretar a nova realidade percebida pelos atores, sem que o uso da linguagem e dos símbolos deva necessariamente passar através das modalidades estabelecidas pelas religiões institucionais.a perda da importância das comunidades tradicionais não resulta na insignificância dos símbolos religiosos, como haviam sustentado os expoentes da secularização, mas apenas no enfraquecimento das ligações entre as instituições eclesiais e os próprios símbolos. Isto explica o uso conflitante e polivalente de tais símbolos, adotados e livremente interpretados pelos cultos e seitas que aparecem em numero cada vez maior nos anos 80, assim como pelos indivíduos” (MARTELLI, 1995 p. 17)

Uma tal mudança cria uma contradição que tem implicações epistemológicas tanto do ponto de vista dos fundamentos teóricos dos estudos sobre religião, como também, conseqüências metodológicas e didáticas para o ensino religioso. De um lado temos a possibilidade de considerar o fenômeno religioso em sua peculiaridade e globalidade superando os reducionismo e preconceitos, por outro lado, nestas condições, há o risco de desconsiderar a realidade institucional e de um esvaziamento ético. Isto implica uma tendência estetizante da religião transmutada em reserva de símbolos e significados para uso dos indivíduos e grupos.

Enfim, a realidade paradoxal que se apresenta é que justamente nas sociedades que promoveram o desencantamento do mundo, fruto de sua iluminação

⁴ MARTELLI, Stefano, A religião na sociedade pós- moderna: entre a secularização e a dessecularização. São Paulo : Paulinas,1995

pela racionalidade, engendram uma tendência de valorização da religião e criam condições para que se possa considerá-la em sua complexidade e potencialidades.

A educação, por sua vez, seja ela informal ou formal, ganhou nas últimas décadas uma projeção jamais vista, entre outras razões, por ter-se transformado em grande negócio. A sociedade contemporânea ao deixar para trás a centralidade da indústria, iniciou um processo de transformação do trabalho, seja do ponto de vista dos processos técnicos e de gestão, seja do ponto de vista do vínculo. O desenvolvimento do terceiro setor, o desenvolvimento e valorização da comunicação e da informação, assim como dos processos de gestão, desenham o perfil de uma sociedade midiática.

Assistimos o esvaziamento de algumas profissões e cursos tradicionais e o surgimento de novas profissões como por exemplo, o designer gráfico, designer de cabelo, de moda (o estilista), de interiores, o fotógrafo, turistólogo; e novos cursos de graduação como Relações Internacionais; Hotelaria, Gastronomia, Fotografia e os Cursos superiores em tecnologia que indicam ao lado dos MBAs e especializações, em geral, uma tendência de formações rápidas e focadas em um nicho muito específico de mercado.

A dinâmica de transformação da realidade cria novas exigências para a formação, assim como, a necessidade do aprender permanente. Exige uma formação capaz de trabalhar com múltiplos olhares que possibilitem uma leitura ao mesmo tempo rápida e de conjunto, da realidade social, econômica, contemporâneas. Para isto, é necessário familiarizar-se, com múltiplas linguagens e com o rigor das análises científicas e capacitar-se para a investigação, ou seja, a educação formal deve proporcionar a aquisição de competências de longo prazo. É desejável e fundamental o desenvolvimento de capacidade de buscar informações e solucionar problemas, assim como adaptação às mudanças. Um aprendizado que envolve o manejo de informações e de conhecimentos abstratos e a habilidade de lidar com grupos e atividades integradas é absolutamente necessário diante das mutações profissionais e da crescente intelectualização e complexificação do mundo do trabalho

As formações profissionais, especialmente daquele que será um profissional da educação, devem possibilitar ao estudante apropriar-se criticamente das mudanças e contradições que se apresentam, para que tenham condições objetivas para o exercício das atividades produtivas, sociais e simbólicas. Essas exigências propõem novas perspectivas à nossa concepção de currículo escolar e conseqüentemente

novos desafios teóricos e metodológicos, especialmente didáticos, uma vez que, talvez, o maior desafio seja vivermos juntos.

A diversificação e flexibilização dos currículos, avaliação permanente, articulação orgânica do ensino com a pesquisa e os serviços; a interdisciplinaridade; o desenvolvimento de capacidades investigativas e a inclusão, são questões colocaram em cheque os modelos tradicionais de formação, e especialmente, pois é o que nos interessa aqui, os cursos de habilitação de professores: as licenciaturas.

A insatisfação com as licenciaturas já se faz ouvir a décadas. Os arautos qualificados da insatisfação têm sido os professores-especialistas nas áreas básicas de conhecimento: história, geografia; física, matemática, etc. A insatisfação é motivada por um cruzamento de questões e problemas, historicamente engendrados.

De acordo com o Projeto Institucional de Formação de professores para a educação básica da PUCSP⁵ uma das dificuldades é a pressão que a ampliação e complexificação do conhecimento científico exerce sobre as áreas específicas de conhecimento de sorte a obrigá-las ao diálogo incessante e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de pesquisas educacionais a partir das áreas de conhecimento específicas sediadas em diferentes unidades acadêmicas, que não a pedagogia e educação, ampliando e diversificando o *locus* da formação de professores e da investigação em assuntos de educação. Pesquisas que, na maioria das vezes, objetivavam articular teoria e prática e área de formação específica e a pedagógica, caminhando na direção da construção de métodos e uma didática específica para esta, ou aquela, área de conhecimento. Vislumbrou-se, assim a possibilidade de superar dicotomias, há muito instaladas e que tem sido compreendidas como uma das causas da ineficácia das licenciaturas, das insatisfações que ganharam, no Brasil, eco nacional.

A LDB de 1996 e os novos parâmetros curriculares nacionais para os cursos de graduação e em especial, para os cursos de formação de professores procuram indicar referências para enfrentar estes problemas e ao mesmo tempo criam a oportunidade para o aprofundamento do debate, uma vez que, obrigou todas as instituições a se reestruturarem.

Foi um momento oportuno para que os conhecimentos e posições acumulados e amadurecidos, em relação aos fundamentos e metodologias que deveriam estruturar,

dar o tom dos cursos de formação de professores, viessem a público. Mais de que uma questão formal de organização dos cursos, cargas horárias, e nomenclaturas o que se coloca em jogo são questões epistemológicas.

As metodologias de ensino são gerais e se fundamentam nas tradicionais ciências da educação e na pedagogia, ou deveriam ser fundamentadas pela área de conhecimento específica, disciplinar, e suas características epistemológicas? Seus **objetos** e correspondentes **linguagens**, além da **lógica e perspectivas** de estudo, assim como seus **métodos e desenvolvimento histórico** até o atual **estado da arte**.⁶

Uma terceira posição se faz ouvir: o mais enriquecedor é a criação de áreas de intersecção entre a pedagogia e ciências da educação e as áreas específicas. Este, sem dúvida, em nosso modo de entender seria o caminho mais salutar, porém, o mais difícil, na medida em coloca em jogo a capacidade e habilidade dos pesquisadores, de administrar os, tão humanos, sentimentos de rivalidade, receio de perder espaço político, perder mercado, perder emprego, romper alianças.

Inúmeras foram as associações, grupos de pesquisa, especializações e até mestrados que se colocaram a tarefa, muitos assumindo como linha de pesquisa a metodologia do ensino de tal ou tal disciplina. Outros programas, ainda se constituíram com a perspectiva de, exclusivamente, pesquisar e desenvolver uma metodologia própria de uma determinada área específica, como é o do programa de Educação Matemática, na PUCSP.

Este debate faz emergir novas questões epistemológicas para as ciências da educação, em especial para aquelas que de alguma maneira tratam do ensino-aprendizagem. Trata-se de construir novos, associar ou substituir fundamentos teóricos e metodológicos do ensino e nos cursos de formação de professores.

Duplo desafio epistemológico do ensino religioso

Para o ensino religioso, um duplo desafio epistemológico: desenvolver bases conceituais tanto para constituição de um corpo teórico específico, possivelmente a ciência da religião que enquanto tal encontra-se em processo de consolidação, como também, de uma metodologia de ensino que articule as especificidades da área e suas

⁵ Projeto Institucional para formação de professores da Educação Básica da PUCSP aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa em sessão de 3.11.2004, pelo Conselho de Administração e Finanças na sessão de 16.11.2004 e pelo Conselho Universitário nas sessões de 24.11.2004 e 16.02.2005.

⁶ Sobre isto sugiro a leitura de livro recente e muito vivo, pois nasceu do calor do debate e do desejo de avançar. SENA, Luzia. (org) *Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2006

exigências pedagógicas, a diversidade dos universos simbólicos e linguagens das experiências religiosas.

Dizendo de outra maneira, neste cenário pós-moderno, como vimos, tanto foram criados espaço e legitimidade para o ensino religioso, como também, novas exigências. Constituir-se como disciplina, fundamentada em uma área de conhecimento⁷ que articule o conhecimento acumulado pelos estudos das tradições religiosas e as conquistas de um Estado Laico, como por exemplo, ter um caráter não confessional, em respeito à pluralidade religiosa. Desenvolver uma metodologia de ensino, uma vez que integra o currículo escolar, apropriada à natureza de seus objetos e objetivos, especialmente afeitos ao subjetivo, ao imaginário e aos universos simbólicos das tradições, da cultura e religiosidade contemporâneas, o que demanda uma especial valorização e cuidado com a questão da linguagem, ou, melhor dizendo, linguagens, seja pela natureza da experiência religiosa, seja pelas características da sociedade contemporânea.

Em sua nova condição, as propostas de ensino religioso integrarão o projeto pedagógico das escolas, sendo aconselhável que organizem-se em seqüências didáticas de natureza interdisciplinar. Conjuntos de aulas/atividade articuladas em torno de uma temática; clareza das finalidades do ensino (intencionalidade do professor/do projeto); objetivos (atitudes e habilidades gerais e específicas que este ensino pode e quer que o aluno desenvolva); conteúdos; atividades; material a ser utilizado; bibliografia, filmografia, outras fontes.

Em sua nova perspectiva o ensino religioso articula religião e cultura, ou seja, com a possibilidade de ordenação social e, portanto, da construção do humano. Em tal contexto a intertextualidade é um recurso metodológico de grande valia, pois permite traduzir referências teóricas para universos simbólicos. Constituindo um espaço didático no qual a linguagem metafórica é a mediação entre o ambiente simbólico e natural dos alunos, dos professores e os diferentes mundos religiosos trabalhados. Com esta perspectiva o ensino religioso pode ser um espaço de desenvolvimento de habilidades cognitivas e relacionais, assim como de reflexão sobre o maravilhoso dom da vida, da dignidade da pessoa humana, e dignidade das

⁷ As discussões tem apontado a constituição de uma ciência das religiões ou da religião como a referência e perspectiva mais alvissareiras. Recomendo para o aprofundamento da questão o livro: GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da Religião*. trad..Frank Usarki.São Paulo: Paulinas,2005 e/ou para uma rápida e inicial incursão a resenha publicada em *Religião e Cultura*, revista do Departamento de teologia e Ciências da Religião da PUCSP, vol. V n.10 jul. /dez 2006, INSS1676-6881

diferentes culturas. Espaço de reflexão e prática de valores essenciais a convivência humana.

Do ponto de vista da relação pedagógica pode-se tomar a perspectiva sócio-construtivista que fundamenta Os Parâmetros Curriculares Nacionais. Como se sabe, de acordo com essa abordagem epistemológica, a construção do conhecimento deve levar em consideração, tanto o contexto histórico cultural dos educandos, como o seu estágio de desenvolvimento intelectual, pois parte do pressuposto de que estes são sujeitos ativos do processo de aprendizagem e atribuição de significados aos conteúdos de ensino.

Em suma, a condição pós moderna ao engendrar uma nova face à contemporaneidade, produz, também, um novo clima cultural pleno de contradições, no qual, a educação valorizada como nunca, sofre um processo de tecnologização, mercantilização e privatização de olho no sistemas de avaliação e competências. As instituições religiosas tradicionais sofrem um processo de esvaziamento ao mesmo tempo em que inspiram o aprofundamento de certos fundamentalismos e o surgimento de novos e diversos movimentos religiosos. Esta situação esta muito bem descrita na citação que faremos a seguir:

“ A religião constitui, hoje, uma reserva de símbolos e significados, reproduzidos institucionalmente, ou livremente buscado pelos indivíduos, dentro de uma multiplicidade de percursos e níveis”. (MARTELLI: 1995, p.453)

A dicotomia Estado e Igreja uma conquista estrutural da modernidade se esfumaça e perde os contornos, assim como a separação entre o público e o privado, criando o surgimento de espaços híbridos, nos quais novos movimentos sociais e conquistas estão se forjando, como é o caso do ensino religioso.

Bibliografia

- GUEDES, Maria Luiza. Educação Religiosa, Identidade da disciplina, conteúdos e atividades de referência, in *O ensino de 5 a 8 séries e o ensino médio: as disciplinas, as habilidades / Anamélia Bueno Buoro ... et al.*, São Paulo: IEE-PUC-SP:SEED-AP; 2000. ISBN: 85-86894-15-x
- _____. Um exercício de leitura intertextual ou de como desconstruir mitos e visualizar tragédias: uma perspectiva para a reflexão sobre valores e dimensões da territorialidade da escola, in *Língua Portuguesa em caleidoscópio*, org. Neusa Barbosa Bastos, EDUC/FAPESP, São Paulo 2004
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. O que é ciência da religião. trad. Frank Usarki. São Paulo: Paulinas, 2005
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e a Dessecularização*. trad. Euclides Martins Balancin, São Paulo: paulinas, 1995

QUEIROZ, José J. Deus e crenças religiosas no discursos filosófico pós-moderno:
Linguagem e religião. *Revista de Estudos da Religião*, nº 2/2006 pp1-23, INSS
16771222

SENNÁ, Luzia, (org) *Ensino Religioso e formação docente: Ciências da Religião e
ensino*

Religioso em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2006